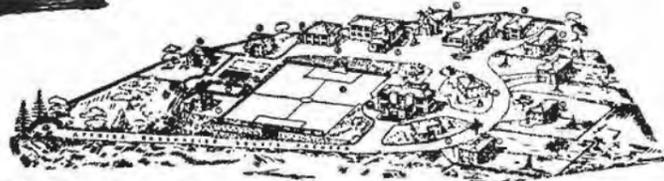




# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 378 — Preço 1\$00  
6 DE SETEMBRO DE 1958

Composta e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

## As experiências de dois famosos viandantes

Havia por ali gente que costuma emprestar cavalos, mas desta vez não emprestou nem alugou. O meu companheiro também não quis aceitar o arranjo do Nunes Pereira — ficar para o dia seguinte e o remédio foi arranjar uma cara muito linda; muito composta e com ela fazer frente à subida do Curatão, que já tinha a honra de conhecer por informações. Quando chegamos ao cimo, derreadinhos, o sol morria numa fogueira, lá para as bandas do mar. Agora havia Terrozelas a vencer. Chegamos lá noite em fora.

O meu famoso companheiro, sobrinho e primo de toda a gente, subiu a uma casa do lugar, visitar tios e primos. Era uma casa alta de dois andares e a família, composta só de senhoras, recebeu-nos numa sala ajeitada à moda da cidade, pequena demais para tanta gente.

Tínhamos entrado na triste zona da triste civilização!

Serviram-nas um refresco em copos elegantes, ofereceram cama para ficar ou uma luz para o caminho e daí a nada, recusando tudo, seguimos para Folques por uma noite de breu, cercados de pinheiros, em caminho de pedras soltas!

De bom grado preferira ter ficado num palheiro, a passar os tormentos de tão difícil trajecto. Em baixo, Folques; quando as nove da noite caíam da torre da igreja, também eu caía, esfaçado, numa cadeira de braços que o meu bom companheiro me ofereceu. Trazíamos quatorze horas de marcha! Coisa estupenda!

O Prior de Folques, homem de linhas severas, muito simpático e respeitado, acompanhou-nos até à ponte, na tarde do dia imediato. Cruz Gomes, José Matos (12) e este pobre viajero fomos a Arganil de visita ao José Melo. Recebeu-nos muito bem, com verdadeiro entusiasmo e muito carinho, o nosso José Melo (13). Deu-nos uvas numa parreira, no quintal, e, em cima, na sala, serviu-nos um delicioso chá com bolos. O Pai, baixote, encorpado, vermelho, muito palrador e simpático, declarou que só por extravagância entrava em tal boda.

Passava pouco das sete quando entrei numa coisa a que, lá em Arganil, chamam hotel. Num grande mesa oval, numa sala pequena, muito limpa, sentavam-se três cavalheiros escanhoados, correctos; um de bigode farto, muito gordo, tomava a presidência e dava os dias santos; a criada, mulher durazia, cheia de carnes, interrogava os hóspedes de longe, com voz sacudida, acerca de fruta, café, vinho e mais viandas.

Conversavam animadamente os meus colegas de mesa, sobre coisas e pessoas. Um deles, a propósito de um jantar oferecido a oficiais da Marinha Inglesa, donde estes se retiravam em peso, à entrada dum mulato da Guiné, atacou com furor o particularismo deles e declarou que a sua

Continua na página QUATRO



Em Godim trabalha-se! Aqui está uma casa do Património.

## Património dos Pobres

Esta nossa vida de peregrinos do Património dos Pobres revela-nos exemplos de tanta heróicidade, que temos de nos curvar reverentemente perante tais heróis.

Hoje, nesta onda anti-clerical, em que os padres entram todos na mesma roda e são tidos como parasitas e burgueses, nós, padres da rua, em quem o povo português ainda acredita, temos que dar testemunho daquilo que observamos por esse Portugal inteiro.

E, dando testemunho verdadeiro, temos de afirmar que há um grande número de sacerdotes que vivem a vida de Deus no seu povo e se sacrificam por ele.

É falsa a fama de que os padres têm todas as facilidades oficiais, embora, atendendo à grande acção Social da Igreja, elas lhes fossem devidas.

Tantos casos têm passado por nós, tantas cartas têm vindo à nossa mão e agora temos mais esta na frente:

«Quero comunicar que temos nesta freguesia, a funcionar, o Património dos Pobres. Já temos dez casas habitadas por famílias pobres e, nos fins de Agosto, teremos pronta mais um bloco de duas moradias, para o mesmo fim, graças a uma boa e generosa senhora.

Quanto gostaria que V. cá viesse visitar-nos e dar-nos os seus conselhos!

Estas casas têm sido feitas sem o auxílio da Câmara e sem participação do Estado, que até aqui nunca pedimos. Facilidades na Câmara também não temos encontrado, pois nos exige todos os documentos e taxas, como se se não tratasse de uma obra de beneficência. Esta diz que tem muita pena, mas que tem de cumprir Leis, exigindo tantas formalida-

des e dinheiro. Que peçamos aos que estão no alto.

«Será isto verdade?»

Temos encontrado muitos pobres esmagados por verem que não são capazes de acudir a todas as necessidades do seu povo. Encontramos muitos sustentados ainda por seus pais; muitos que ao altar nunca se atreveram a pedir qualquer coisa para a sua justa sustentação; muitos a dormir em enxergas; muitos a viver nas pobres dependências

Continua na página QUATRO

## BARREDO

Um dos graves problemas que afligem os pobres do Barredo é o pagamento da renda de casa ao fim de cada mês. Antes, quase o esquecem. Querem uma casa (?) onde possam abrigar-se mais os filhos. E quando não uma casa, contentam-se com um antro. Desde que seja coberto, basta. A luz, a água, tudo o mais não conta. São coisas secundárias. Podem pedir-lhes quantias excessivas. Concordam. Uma preocupação os domina — fugir da rua, ter onde se abrigar. O futuro antevê-se-lhes sombrio. Não importa.

E há os que abusam desta situação de inferioridade dos pobres. Há os que não têm escrúpulos em exigir aquilo que, de antemão, sabem só poder ser pago à custa da miséria dos pobres. E depois? Lá estão as casas de penhores à espera. À espera das roupas de cama, mal-las de vestir. «Temos tudo empenhado». É linguagem vulgar. Porquê? «O meu homem não ganhou por estar doente, e, se não pagar a renda o senhorio põe-nos na rua». Quanto pagam? «Oito escudos por dia. É um quarto mobila-

Continua na pág. — TRES

## AGORA

Nós costumamos dizer aqui o que nos vem chegando às mãos com destino a Casas para Pobres. Na rubrica «Património dos Pobres» vamos dando notícia de quantas se vão erguendo por esse país em fora. Contas, ainda não as fizera este ano. Sei que várias vezes vimos no fim os fundos do Património. Que começamos o ano quase esgotados. Que, numa ocasião ou outra, tivemos, Padre Horácio e eu, de nos recomendar cuidado no passar de cheques, não fôssemos encontrados em branco...

Hoje, porém, deu-me a curiosidade de ver quanto já andara este ano. Pedi ao Júlio. E Júlio trouxe a soma distribuída em 31 de Julho: 1.011.050\$00.

Fiquei admirado! A passar de mil contos?! Não calculava tanto! Do Estado vieram apenas 300, exactamente metade do ano anterior. A Fundação Gulbenkian, começou agora a marcar presença e esperamos que continui em progressão crescente. Foram 250 deles. O resto são migalhas de que Deus faz o Pão de cada dia. Nós nem damos por elas. Esquecemos que «grão a grão...» E por isso, eu não imaginava que pudéssemos ter dado tanto, agora, que estamos uma vez à beira do nível zero.

Bendito seja Deus! Como a Obra vai crescendo! E apesar das nossas mínguas e apreensões, como nos tem dado Deus a graça de podermos estar presentes à chamada das Paróquias aonde se trabalha, no momento oportuno! Se não

Continua na pág. TRES

## SETÚBAL

Meio dia. Em frente da casa uma figura mugra, tímida, envergonhada, sofredora. Aproximei-me. A gente tem de proceder assim — aproximarmo-nos.

Olho a mulher de alto a baixo. Observo o olhar, o rosto, as mãos e os pés. Em todo o seu conjunto palpava o estigma da dor. Olhos encovados, negros, dum negrume comunicativo, penetrante! Pés compridos, magros, dum magreza igual à do esqueleto por onde estudei ciências! Mãos semelhantes aos pés, calejadas, esquarterjadas, amarelas, cheias de manchas!...

—Que é isso aas mãos? «Eu sofro muito do fígado». Mal me olhava a minha visita. Se não fosse uma graça especial do Céu, a mulher nada mais teria dito.

A que vem? Até aqui o exterior, aquilo que o olhar humano vê e a pena é capaz de comunicar. Agora o interior, o invisível, o indiscreto.

«Sou de tal parte — a mulher diz o nome da terra; fica a uns cinco quilómetros

— e vou a Palmela à farinha para os meus gémeos. Tenho sete filhos. Meu marido está no pavilhão, tuberculoso. Vivo numa casa que não está rebocada e tem só um compartimento e o médico diz-me que os meus meninos assim não se salvam. Vinha ver se voce-

— Cont. na página quatro

# COBRANÇA

É uma realidade consoladora a participação espontânea dos nossos leitores na feitura de «O Gaiato». Não há monólogos. Não há exortações «ex cathedra», para ouvir e esquecer. Parece que quanto nele se diz é dirigido a cada um dos milhares dos seus leitores e daí que tantos respondam e acrescentem as suas sugestões e comuniquem o seu sofrer por tantos casos de sofrimento e a sua alegria por tantos outros de recuperação. E o seu aplauso ou discordância a respeito de um pensamento que se expôs. Tudo a dizer que o jornal leva vida e determina actos vitais.

Ora a «Cobrança» de hoje é a segunda parte do diálogo, feito de respostas àquela de há dois números atrás. Façam favor de ler:

«Acabo de ler o artigo com o título acima e começo por repetir três valentes «mea culpa» pois sou daquelas «acordadas» que, por desleixo, se encontram em atraso.

Ainda não paguei este ano a minha dívida! (Penso que os outros anos estão liquidados, no caso de não estarem, agradeço a favor de me dizerem.) Mas que digo, pagar?

Pagar, como diz o artigo, é bom para os jornais comerciais, ou mesmo de formação moral, intelectual, etc., mas «O Gaiato» é outra coisa!

«O Gaiato» são pedaços reunidos de vida, são amor a chamar-nos, e vida e amor, só com vida e amor se pagam... lá diz o artigo!

Se eu quisesse testemunhar o meu agradecimento, seria uma fortuna e não estaria pago. Infelizmente vivo com dificuldades, pelo que só posso dar uma migalhinha, pedindo desculpa da falta e da penúria.

Quero agora agradecer todo o bem que o jornal me tem feito... desde que o leio! Pois até há poucos meses, era como o assinante do «Serve o presente...» Não tinha tempo para ler «O Gaiato». Lá isso é verdade, uma intuição me dizia que este jornal apenas poderia ser lido com vagar.

Hoje, pelas circunstâncias da vida, tenho vagar, e leio-o muito devagarinho com receio de chegar depressa ao fim!

É que essa folhinha simples fala de Jesus, Filho de Deus vivo, e fala d'Ele com tal realismo que me fortalece a Fé amortecida pelos pecados e pelo egoísmo!

Veja agora quanto devo! Mas já sei que estou perdoada... o Meia-Lua de quem conta o Senhor Padre Aclio, também foi poupado ao cabo da vassoura, porque senti funda a sua falta!

Bastante envergonhada, junto remeto a migalhinha!

Prometo no entanto ser pontual para o futuro e (o que já faço desde que leio o nosso «Gaiato») oferecer a Deus o melhor da minha vida e do meu afecto pela Obra toda da Rua, em especial pedindo a Nosso Senhor pelos pa-

dres da Rua. Se estes sacerdotes soubessem quanto e como pregam a nós, pobrezinhos cá de fora no frio da nossa sociedade desconcertada!

Obrigado a todos! E sobretudo obrigado a Deus!  
Uma Maria do Estoril»

Ó carta! Ó riqueza! Quem pode nomear dinheiro, que importa ele, quando se «fala de Jesus, Filho de Deus vivo» e se consegue em troca que uma alma ofereça «a Deus o melhor da minha vida e do meu afecto pela Obra toda da Rua»?! Primícias que a Deus pertencem e que os fieis vêm colocar no Altar d'Ele que é a Obra da Rua!

Mas quantas dedicatórias mais de gratidão e de amizade!

«Por este correio segue um vale, apesar de julgar nada dever. Não me sinto ofendido e de aqui para o futuro saarão sempre de ano a ano.

Desde que comecei a assinar o v. jornal, anualmente, sempre, e outras mais vezes, faço chegar a essa casa importantes nunca inferiores a cem escudos, mas sempre, se não estou em erro, sob o anonimato.

Não me tenham pois por caloteiro, é o que espero.»

E agora um caso ao invés do que é costume: Alguém que costuma mandar os seus donativos e que foi tomado por assinante. É leitor dos que preferem comprar aos rapazes da venda e diz assim:

«Nenhuma das duas quantias se destina a pagamento da minha assinatura. Ambas representam um contributo que terei, sem regularidade, mas sempre que o permitam as minhas disponibilidades.

Preferiria que o meu nome não fosse incluído nos ficheiros da Organização com a qual estarei sempre espiritualmente e, quando possível, materialmente.»

Ótimo! Destes é que a gente quer: Quem esteja «sempre espiritualmente connosco e, quando possível, materialmente». E é por isso que nós aqui lhe pedimos que se deixe estar assinante e destine uma das suas remessas anuais para o Famoso. Olhe que muitos perigos traz a venda aos nossos rapazes, como é fácil de compreender, até pelos mimos de que os enchem! Se todos os compradores avulsos quisessem fazer-se assinantes, como estariam «sempre espiritualmente connosco», sem que, materialmente, só pudessem ir estando às prestações como quem compra número a número!

Outra voz, esta, até, tão cheia de humildade quanto de carinho!

«Desculpe-me V. em o considerar «Bom Amigo», se eu me tenho portado como um ingrato e nada merecedor da amizade por que me faço ter. Mas que se poderá chamar à benevolência e paciência que se tem para quem não cumpre como lhe cabe, os seus deve-

res? Quanto a mim, só «amizade».

Recebi há dias a minha conta devedora pela assinatura do «Famoso», que nesta altura passo a amortizar em prestações de 50\$, por mais me não ser possível.

Peço me seja permitido tomar esta resolução sem prévio entendimento, mas é uma forma viável, em meu entender. Mais vale tarde do que nunca».

A nossa resposta já aqui foi dita: estamos sempre de acordo. O único preço essencial é o amor. Ora não é amor o que falta neste assinante a quem retribuimos de «Bom Amigo»?

E eu tenho ainda um monte de cartas em minha frente. O modo de dizer pode ser diferente, que todas dizem o mesmo. Vai só mais esta, antes que o Júlio me torne a ralhar por causa dos artigos demasiadamente longos.

«Como, porém, por um lado não sei exactamente quando a assinatura começou, e por outro lado entendo que, para obras cujo programa tem o alcance social do da «Casa do Gaiato», não vale a pena pensar em contas, pois todos os cidadãos, por mais que paguem ou por mais que dêem, terão aí sempre uma grande conta em aberto, envio um vale de 100\$ a que será dado o destino que entenderem».

Ora aqui está uma outra causa de muitas confissões: «Não sei exactamente quando a assinatura começou». Avelino e Júlio andam empenhados em altos estudos para resolver de vez outros e este problema. Eu cá para mim já encontrei uma solução que me parece fácil. Vamos a ver o que eles dizem. E do que se assentar, aqui darei recado, a seu tempo.



Hoje em dia fala-se demasiado contra as riquezas acumuladas nas mãos de uns tantos. Fala-se com e sem razão. Será, porventura, um mal possuir? Ele não. Trata-se do direito inato, necessário ao pleno desenvolvimento do homem. A eriança que agarra com as débeis forças o objecto alcançado demonstra-o cabalmente.

Contudo, porque o uso deste direito tem balizas opostas e reguladas, que nem sempre se respeitam, nasce o conflito e o clamor das vítimas do abuso ou da negligência no exercício da posse dos bens. Estes, em gratuidade, foram dados ao homem por Deus, a Quem tudo pertence, de Quem tudo depende e para cujo serviço tudo se orientará. Ele só o Senhor. Em clara consciência disto mesmo, quem dispõe de bens materiais reconhece, pois, que Deus o constituiu simples administrador, e não usufrutuário egoísta. Em consequência, e para ser lógico, põe a render os bens de modo a frutificarem em proveito próprio e daqueles que providencialmente serão beneficiados. Empresas, patrões e senhores não podem, sem real infracção do dever de justiça que a sociedade impõe, usufruir ilimitadamente bens, esquecendo os subordinados e inferiores; muito menos, enterrar talentos, que em boas mãos multiplicariam. O que não fazem os pobres da leira de chão que herdaram dos maiores!

Ainda os supérfluos, sem grave risco de justiça, não podem malbaratar-se. O esbanjamento constitui matéria pesada e suficiente de débito a julgar em tempo devido e consoante a consciência do mal praticado e do bem omitido. Ele também existem pecados de omissão: «Tive fome e não me deste de comer; tive sede e não me deste de beber; estava nú e não me vestistes»... — Não-de ser palavras do Mestre na derradeira hora.

Mas porque tudo isto se verifica hoje em dia, o clamor das vítimas recrudescer contra as riquezas acumuladas infrutíferas e esbanjadamente nas mãos de uns tantos.

Possuir, aplicando o complemento directo deste verbo ao fim determinado pelo Alto, é a única atitude honesta e razoável que o detentor de bens pode defender.

Porém, o homem vive no mundo e sofre a tentação do mundo. Só por um milagre de graça — e esta normalmente não os faz — o homem de bens é superior à tentação do terreno e às consequências funestas de tal posse.

O próprio Cristo vive no mundo e sofre a tentação da riqueza. É no alto do monte, diante das grandezas da terra.

Ora a vida do Mestre da Galileia levanta-se como eloquência e estímulo para quem, sentindo embora esta mesma tentação, surdamente vive a nostalgia de bens mais altos, ultra-terrenos. Cristo é o exemplar perfeito, que o Pai Ce-

Continua na página QUATRO

## Chales de Ordins

Nos últimos «chales» vinha, logo à cabeça, este dizer: «os bebés pobrezinhos não param de nascer». Este elogio, vindo de Lisboa, feito aos casais pobres envolve também uma reprovação para aqueles que não cumprem a lei natural de Deus: «crescei e multiplicai-vos». O Matrimónio, santo como o Baptismo ou a Eucaristia, tem uma finalidade própria: elevar e santificar o amor, a união do homem com a mulher. Tudo isto é em ordem à sociedade: para propagação da espécie humana, em condições de poderem educar-se, convenientemente, os filhos. Um Matrimónio sem descendência é como uma árvore infrutífera. É um lar onde falta alguma coisa para ter alegria. Os esposos envelhecem um dia e não terão ninguém que os alegre, console, socorra e ajude nas necessidades da velhice. Não terão quem continui a sua geração e, sobretudo, quem, após a morte, sufrague suas almas. O crime dos que limitam culpavelmente os berços, roubo feito à Pátria, à Igreja e ao Céu, cos-

tuma já ter neste mundo seu castigo. Não é em vão que se pretende alterar a natureza das coisas. A vida da mulher fora do lar, o luxo desenfreado, a devassidão avassaladora, o egoísmo, a falta de confiança na Providência divina juntaram-se e pregaram o neo-maltusianismo, fazendo do tálamo conjugal um lugar de devassidão. «Os bebés pobrezinhos não param de nascer». Que tal exemplo de fecundidade seja seguido pelas outras classes e limitem seus gastos inúteis para que aos Pobres não falte o pão.

x x x

Segue Lisboa com seu chale médio e um nadinha para a Conferência. O Porto festeja os 74 anos duma mãe «e o que vai além do preço é para ajuda de uma telha para a «Casa das Tecedeiras». Dentro de quinze dias, a Casa verá as telhas. São umas 2.000. Quem levanta o dedo? Quem me livra de aflições?

É ainda Lisboa: «leio sempre com atenção e interesse as

suas aflições — são tantas as aflições dos pobres, e nós tão pouco conseguimos fazer! Há muitos meses que eu não apareço — não é esquecimento, é que, graças a Deus, por cá também as obras se vão desenvolvendo. Ganhei agora com um trabalho meu 303 esc. e vão aí para a Casa das Tecedeiras». É uma Senhora Estrangeira. Com ela, dou graças a Deus pelo desenvolvimento das obras de Caridade na Capital. O cheque trazia mais 255\$ para três chales.

Mais Lisboa: «como agora, durante o verão, não há-de abundar o trabalho, vinha encomendar mais 6 chales de lã e do tamanho mais pequenos». São preciosas estas linhas dum religiosa, colocada num Dispensário. Não aparece pela primeira vez. Ajuda-nos e agasalha as suas pequerruchas. Que Deus a ajude!

Padre Aires

### UM PEDIDO

Alto! Não mandem mais jornais do n.º 323. Foi práqui uma inundação!

O assinante está servido. Muito obrigado!

# Do que nós necessitamos

Se a semente cair à terra e não morrer, não germinará.

Usando esta linguagem o Mestre põe, como condição do triunfo, o sacrifício, a renúncia, a própria morte. Só uma fé viva, animada pelo fogo da Caridade é capaz de as fazer compreender e mais ainda realizar. A ansia do êxito imediato, espectacular, estiola as obras, define-as, mata-as. Pai Américo viveu as palavras do Mestre. A semente caiu, morreu, germinou. A árvore cresce frondosa, estende os seus ramos e os homens, qual avezinha em busca de repouso, acolhem-se à sua sombra. É assim a Obra da Rua. Além de provas invisíveis mas palpáveis que experimentamos todos os dias, Deus confirma as *suas* palavras pelo carinho que deposita em tantos corações. Vede.

x x x

«Ante-ontem mandei mil e quatrocentos escudos que é o *quinhão dos Pobres* no produto do meu trabalho extraordinário deste ano». Só assim é quebrada a barreira consciente ou inconscientemente levantada entre o rico e o pobre. O que pode e o que não tem. Só assim haverá paz nas consciências, raiz e condição da tranquilidade social. Para os nossos pequenos, 50\$ do Barreiro. Prestações de Abril, Maio, Junho e Julho para os «nossos irmãos pobres do Barredo». Cem do «meu primeiro ordenado». Igual quantia da R. da Bélgica «por uma graça obtida». O pessoal da Mobiloil não falta — 56\$50. «Os dois amargurados» fazem o mesmo — 50\$. Uma mãe trazendo a sua alegria pelo bom resultado no exame de uma filha dá 20\$. É de Coimbra. No Espelho da Moda, 50\$ «em agradecimento de uma grande graça». Quatro vezes mais para a Viúva da «Nota da Quinzena» e para ajudar uma mãe a alimentar o seu filho. Metade para os pobres do Barredo. De Moimenta da Beira um lamento por ser tão pouco, mas «Deus sabe o que eu luto por causa de seis filhos. O pouco que eu tenho, abençoado e bem orientado chega para o indispensável. Tenho fé nas palavras do Mestre que promete cem por um a quem praticar as obras de Misericórdia». Em acção de graças por um aumento de ordenado, — 200\$. Vem do Porto. Dez toneladas de centeio da Federação dos Trigos. Eram tão esperadas! Bemvindas sejam e os nossos agradecimentos. De Negrelos, 300\$ «com pedido de orações». África! De Vila Luso, uma «mãe agradecida porque Deus tem protegido os seus filhos» manda-nos 50\$. Quere dar mais mas não pode. Dá com os olhos postos em Deus e só de Deus espera a recompensa. Da Beira, duas amigas de África acrescentam outros cinquenta. De Lourenço Marques, um hino de acção de graças pelos benefícios alcançados e mais cinquenta. Migalhinhas de Carcavelos «pelas melhoras de uma doentinha». Uma lembrança do Porto «pela saúde da nossa querida filhinha». De Avanca «pela

alma de meu chorado marido». De Ilhavo — 50\$. «Ao receber o meu primeiro ordenado de professora primária quis enviar uma pequena quantia, com pena de não poder mandar mais». É de Vila Real. Vem outra professora radiante de alegria «por terem passado nos exames todos os alunos propostos». Em acção de graças envia 50\$. A mensalidade de 20\$ e desta vez mais quarenta porque Deus «tem-me dado sempre mais trabalho». «Uma pequena consoladela» para um pobre. E mais outra da Rua da Madalena. Um «amigo dos pobres» de Coimbra dá 50\$. Uns brincos de uma visitante. Mais alegria pelo bom resultado no exame de meu filho. É uma Mãe do Porto. Um casal feliz manda cem. «Enviei ontem trezentos escudos para pagar até Setembro corrente uma dívida de 50\$ mensais que contraí para com o Gaiato. Que Deus me dê saúde para não faltarem». É do Porto. Outra vez a nossa África. Da Beira, um cheque de 500\$, para o que mais necessário for. Mais migalhinhas.

20\$ da Mãe do assinante n.º 20.692. Outros vinte para a senhora Ana de Jesus. Ainda outros de Oliveira do Douro. Da R. da Alegria, duas vezes duzentos. Metade de Proença-a-Nova. O Barreiro volta com 50. Os vicentinos de Rio Tinto vieram e deixaram 204\$40. Remédios de Cernache do Bonjardim. Há tanto tempo que não vinham. Que bom! Roupas tiradas para os nossos rapazes. Uma Maria dá o aumento do seu ordenado — 391\$. J. A. F. de Oliveira do Douro manda-nos uma lembrança. Um pequenino de 6 anos trouxe-nos um mealheiro com 71\$70. Do Bairro de João de Melo, de Guimarães, 60\$. Os grupos excursionistas que nos visitam não regressam sem deixar um pouco do seu carinho. De um grupo de S. Gemil, 170\$. Outro de Oliveira do Douro, menos 70. Igual quantia de um grupo do Porto. Os vinte escudos habituais de A. Silva. Uma mala de roupa de Alvalade que tanta alegria nos deu. Voltam os «dois amargurados». Do encontro da Lef na Póvoa de Varzim 400\$. Metade para os pobres do Barredo, de uma Mãe. Os 70 do costume de V. de Figueira. De Cubal uma assinatura paga com mil e o resto para o que for mais necessário.

P.e Manuel António

Cont. da primeira página

do». Escusado será falar do quarto mais da mobília. E onde vão buscar todo esse dinheiro? Quando não se ganha, leva-se ao penhorista aquilo que se tem. Coitados! E quando não tiverem mais que levar ao penhorista? Vão para a rua. A vida destes pobres é dura. O pão que comem é amassado na incerteza e na insegurança do dia de amanhã. Mas isto é

pedia e dizia assim: «Mandem-nos rebugados para castigar os nossos pequenos». Fica o recado. É deles.

x x x

Descemos pelo lado das Fontainhas. Ali perto, morava uma família com três membros. Fui encontrar apenas um. Marido e mãe haviam falecido. Em andanças desta natureza são vulgares estas sur-



desumano. Não terá, por ventura, o homem, não só o direito ao trabalho justamente remunerado, mas também o direito de comer o seu pão em paz e segurança? Onde a paz e a segurança destes pobres que hoje têm o amanhã não sabem se têm? Urge uma solução.

x x x

Éramos três. Os pequeninos do Barredo lá estavam à nossa espera. A espera dos teus rebugados mai-las coisas boas que nos mandaste levar. Foi um compromisso que assumiste. Eu o fio. Doravante, não posso levar a pasta vazia.

A propósito:—Acabava de chegar de fora e ao entrar em casa a primeira saudação que saiu dos lábios dos nossos mais pequenos foi esta—«Vamos aos rebugados. Dê-nos rebugados». Que acontecera? Deram pela chegada de alguns deles para o Barredo e julgando ser para eles, vinham tomar posse. Expliquei que não. Pois que pedisse também para eles. Que Pai Américo também

presas. Não estranhemos. Dali às arcadas do Barredo, pelos Guindais, é um saltinho. Pelo caminho, os teus rebugados transformavam o rosto dos mais pequeninos. Espalhavam alegria. No Mercado da Ribeira reinava o sossego. Era a hora do almoço. Sardinhas no braseiro e um naco de sêmea na mão. Escolhemos intencionalmente esta hora. A Rosinha entretinha-se com um prato de arroz, dado pelos vizinhos. A frente, uma grande alegria nos esperava. A alegria de uma mãe rodeada pelos filhinhos, agora bem vestidos com roupas há pouco chegadas do penhorista. Quis vê-las. Não podia ficar insensível. Recebi a promessa de que não voltariam para o prego. Fernando Dias é uma garantia. Não estranhes. Não os culpes. «O meu marido esteve doente. Tinha de pagar a renda». Não fala sequer no pão para comer. «Às vezes tiramos à boca para juntarmos uns tostões para o senhorio». A rua é um espectro que os atormenta. E

Continua na página QUATRO

# A G O R A

—Continuação da primeira página—

pode ir logo tudo de uma vez, para irmos acudindo aos muitos que nos chamam, vai uma fatia, e logo outra, até à totalidade do pedaço prometido.

Trememos o dia em que a boa vontade de tanta gente boa, a trabalhar por amor de Deus e a bem da Nação em muitas terras por esse Portugal além, encontrar pela frente a inércia dos serviços burocráticos, a estorvar. Trememos desse dia, se a lembrança do demo vingar e tal dia for...

Será um golpe mestre na simplicidade original do Património dos Pobres e até dos seus primeiros auxílios oficiais.

Se a papelada chegasse a intrometer-se e a acção viesse a tornar-se dependente das longas esperas das inanimadas secretarias, adeus Património dos Pobres que Pai Américo ouviu de Deus para dizer aos homens! Pereceria nas mãos perigosamente cuidadosas de três ou quatro cirurgiões eminentes, operando ao mesmo tempo uma vítima cheia de saúde!

Deus nos livre das confusões críticas que as sugestões do demo procuram fazer vingar!

Pois, graças a Deus, e embora por entre momentos de apreensão e de rateio, temos podido estar presentes logo que nos têm chamado os que trabalham nesta Obra do Senhor. O Povo até agora respondeu com 461.050\$ em quanto foi distribuído. Os «fundos» do Património estão outra vez no fundo. Em nossa frente grandes responsabilidades, — de promessas sempre feitas, — na condição de termos na altura, que nós não capitalizamos, seguimos a regra de Pai Américo: «Eu ando com quem anda».

O bairro de Adémia começou a subir. Ele está para Coimbra como Miragaia para o Porto. Em Rebordões, mesmo à beira da estrada que circunscreve o Porto, são 24 casas, algumas já em ponto de telhado.

Do Minho ao Guadiana, dezenas de lares em mãos. Aqui fica o recado ao nosso Povo. Esperamos que nos escute. E não importa que em cada instante estejamos vendo o fundo nos «fundos» do Património. Basta que em cada necessidade nós possamos prover. Em cada dia o Pão daquele dia, feito de migalhas em que os nossos olhos pecadores mal reparam. E no entanto são essas migalhas a nossa força e o Senhor que no-las dá a Única garantia.

Se os sete primeiros meses de 1958 viram sair em cada deles a média de 144.435\$, os cinco que restam não hão-de ficar atrás.

Os senhores fazem favor de ler com atenção e de ajudar a compreender.

x x x

Ora a procição de hoje aí vem, não muito concorrida. São férias!...

Casa Candidinha e seu pessoal com 400\$ pela 20.ª vez. Mais trabalhadores. São os dos Serviços Médico-Sociais com 65\$00.

O assinante 6790 manda a 23.ª de 50\$ e C. Saraiva a 2.ª e a 3.ª. Duzentos da Helena. Dez vezes menos «em acção de graças por dois estudantes». Estamos no rescaldo das cólicas! «Uma migalha de 100\$ para cumprimento de promessa» e 5.000\$ de Nampula por igual motivo. Outra «migalhinha, por alma do José». Uma telha de Duarte e 20\$ de Guilhabréu, mais 100\$ de não sei onde. A conhecida Avó de Moscaviç e o ainda mais conhecido do tabaco a menos em cada mês, com 20\$ cada. Mil para a «Casa Anunciação»; metade para o «Lar de S. José». A 8.ª prestação para a «Casa Avó Ema»; a 20.ª para o «Lar de Nazaré — Plano à merecê de Deus». Para a «Casa do Combatente da Grande Guerra» 25\$. E o do plano decenal.

Finalmente a «Casa de N.ª S.ª da Espectação» levou mais uma pedra de 750\$. E eu não resisto às palavras deste nosso correspondente, sempre tão palpitantes de Doutrina que eu aqui o proclamo nosso colaborador habitual:

«Segue com esta mais uma prestação, superior em importância, às anteriores.

Até que Deus queira, o aumento manter-se-á. Isto quere dizer que os meus proventos também aumentaram. Ora é justo que se os meus rendimentos aumentaram, também o rendimento dos pobres deve aumentar. Padre Américo dizia: «Quanto mais, mais!»

Eram as únicas contas que sabia fazer e sempre lhe deram certas. Quando os homens erravam, Deus acertava, e assim a palavra das «perdas e danos» continuou sempre em branco: nada se perdeu, tudo se ganhou!

Da última vez que lhe escrevi, foi a seguir a um dia de trabalho e lembro-me de lhe dizer que tinha sido um dia calmo. Pois alguns minutos depois de lhe escrever dava-se um desastre e algumas vidas eram ceifadas!

Órfãos, viúvas, pais velhinhos o doentes sem filhos que são o seu amparo, a tragédia das vidas humildes de pobres que de tanto sofrerem miséria já se habituaram a ela!

É claro que há o «Seguro». Há, mas seria óptimo se logo na primeira semana, após a morte do chefe de família,

Continua na página QUATRO

Facetas de uma Vida

As experiências de dois famosos viandantes

Continuação da página UM  
 maior glória era ter a certeza de assistir ao esfacelamento do Império e nós guindados logo à segunda potência colonial do mundo inteiro! Botei uns olhos de espanto no cavalheiro assanhado e continuei flegmático no ardem do jantarco. Podia ter-lhe dito que o Império Britânico não se esfacela facilmente porque os largos Domínios estão ligados por sentimentos de raça, mas muito mais por interesses colectivos. A Inglaterra tem tanta necessidade de quem lhe compre as suas facturas como os vastos Domínios a têm de quem lhes compre a matéria prima; eis o grande segredo da união do Império que o meu respeitoso companheiro terá o desgozo de deixar ficar como o encontrou.

Nas nossas colónias existe, sem dúvida, o sentimento da raça, mas o interesse colectivo é menos considerável do que no caso dos Domínios Ingleses para com a Metrópole. As estatísticas aduaneiras dizem muito alto que a massa do comércio nacional é muito menor do que o realizado com o estrangeiro. O sujeito que gostaria de ver estoirar a Inglaterra, talvez ignore que os fiadores portugueses d'algodão vão comprá-lo, cultivadinho nas nossas colónias, à praça de Liverpool! E os fabricantes do sabão vão buscar a Marselha e a Hamburgo, nos milhares de toneladas, a matéria prima que cultivadores portugueses das colónias portuguesas, para ali exportam em fabulosas quantidades. Quem está mais arriscado a perder terreno?

Podera ter falado assim em terras de Arguil, mas preferi vir fora sorver a aragem fresca da noite, deambulando na avenida do Paço. Um homem botava joguetes à porta de uma coisa que ali chamam teatro, anunciando espectáculo naquela noite. Desci abaixo, ao hotel, subi a uma espécie de quarto, deitei-me numa espécie de cama, e por volta da meia noite entra um ho-

mem a fazer muito barulho e no seu quarto, contíguo ao meu, recita trágicamente uma parte considerável da tragédia que representara. Não lhe paguei o prazer do espectáculo nem lhe pedi nada pela massada que me deu.  
 Frei Junipero

12) — O José Lourenço de Matos, actual pároco de Midões.

13) — José da Costa Melo, Pároco actual de Penalva de Alva.

CONTINUA

Colónia de férias da Ericeira

A nossa estadia na praia decorreu maravilhosamente. Para quem não conhecia a Casa do Gaiato por dentro, foi confirmação e mais que isso ampliação do alto conceito que fazia da Obra. Vale a pena viver uns dias, mesmo poucos, entre a vida pujante dos rapazes da Obra da Rua. Ali se pode ver o que é o sangue fervente dos rapazes e quanto pode o Amor. O horário era mais ou menos elástico, ao modo das nossas casas. Tudo em ambiente familiar. Nada de rigidez ou frieza de atitudes convencionais. A monotonia não existiu. E para além da imaginação fecunda dos rapazes, os imprevistos apareciam.

—Escreva lá na crónica que o Pirata disse no quarto mistério doloroso: Nosso Senhor com o Calvário às costas.

—Diga que somos bons cantores e actores de teatro.

E são. Não se alugaram guarda-roupas. As cobertas da cama foram pano para toda a obra. A ouvir vinham anedotas em catadupas, porém os contos da carochina e de fadas encantadas eram o pratinho do meio. Nem se pestanejava ao ouvir tão fantásticas descrições e como remate fazia-se sempre a pergunta: E isso é verdade ou mentira? Claro está que as histórias eram ao serão. Durante o dia jogava-se à bola ou ia-se à pesca, feitas as orações. Houve uma temporada em que as conversas só trataram de pesca. Tal foi o entusiasmo que não contando os peixes de centímetro pescados, se apanharam pardais ao anzol.

Ao banho iam todos com agrado, menos o batatinha de 3 anos, a quem perguntei: Tu és velhaco? Resposta: Não, sou Cícero. Na areia da praia ficaram impressos os pés descalços dos gaiatos mas por breves momentos. Vinha uma onda e desapareciam as pégadas.

Não sei se o rasto destes rapazes terá duração semelhante nos livros de história. O que sei é que cavaram profundamente dentro de mim e parece-me que as suas pégadas ficaram indeléveis.

Francisco

Visado pela  
 Comissão de Censura

Setúbal

Continuação da página UM  
 mecê me ajudava a rebocar a casa, que eu gunho agora só a treze, quando há trabalho, somos oito a comer e não tenho mais nada, senão os meus braços!»

Oh! grandeza! Oh heroicidade! Oh santidade! Assim a sofrer do fígado, a suportar o calor, o frio, a chuva, a dureza do trabalho agrícola e a dor dum situação como esta!... Apeteceu-me beijar aqueles pés, cobertos de pó e levantar muito alto, muito alto, esta mãe heroica!

Quanto mais vou sendo da rua melhor saboreio as palavras do Pai Américo: «... terra de heróis, de santos».

Não vem dia nenhum ao mundo que eu não prove o fel destas vidas e não me ilumine a luz destes casos.

Geate que vem de muito longe, anda semanas e semanas em busca de trabalho, sem eira nem beira, nem de comer, de vestir, de dormir, sem moralidade e sem nada.

Não sei onde iremos! Não sei. Se é justiça ter quanto se quer para viver, estragar e entesourar, quando multidões famintas passam à nossa beira a navegar em dor, também é justo ao marinheiro, em alto mar, destruir todas as boias de salvação, depois de as ter negado a homens, mulheres e crianças que se afundam e se perdem para sempre. Justo é o que é devido. Ora o homem tem direito a viver humanamente, por justiça à sua condição humana. Se não vive, não é só pela pobreza do nosso meio, mas porque parte da sociedade moderna não entende assim a justiça.

O Evangelho não diz outra maneira. O Senhor Jesus não falou doutro modo.

Cada vez que leio a parábola do Samaritano em resposta ao fariseu que interrogava Cristo sobre o que devia fazer para conseguir a vida eterna, sinto-me a tremer. Só o justo entra na vida eterna e só é justo o homem que procede como o Samaritano.

Precisamos de rever o nosso conceito de justiça. Aquela mulher deu-me um banho de luz resplandecente das labaredas da sua dor.

É preciso que haja menos heróis e menos santos para sermos todos justos.

Padre Acílio

leste nos deu, Pobre desde o nascer, sendo filho de pobres, sempre como estes viveu. Não tem onde reclinar a cabeça. As aves do Céu possuem ninhos; as raposas, covis. Ele nada. Mas, no entanto, não vive na miséria. Tem a vida assegurada humanamente. Um discípulo anda ao lado de bolsa na mão. Não se sujeita a austeridades. Não jejua. Come como toda a gente. Convidado, assiste a bodas e banquetes. Em Caná digna-se até ofertar aos noivos vinho do melhor.

AQUI, LISBOA!

— Continuação da página DOIS —

Deixa-se perfumar em certa ocasião. Aprecia os bens do mundo, tanto que por eles é tentado.

Ora a sublime atitude do Mestre em relação aos bens do mundo é sobremaneira singular. Embora disputando-os, Ele está livre, totalmente livre. Não se angustia quando lhe escapam, nem sente ansiedade em procurá-los quando os não possui. Há equilíbrio perfeito no seu ser e agir. O espírito comanda; não está sujeito ao que lhe é inferior.

Ora neste século de correria louca pela posse do mundo e dos seus haveres, o exemplo de Cristo ergue-se altamente. Nem todos são chamados a desfazer-se dos bens. O desprendimento total e real é conselho do Mestre e não preceito, ainda que naquele esteja a maior riqueza e a suma paz. Porém, todo o homem é chamado a estar livre. A verdadeira liberdade do homem está em não se sujeitar nem escravizar ao mundo e a tudo o que lhe pertence.

Padre Baptista



Continuação da pag. UM

da igreja, que serviam para arrumações; um, cujo quarto, cozinha e sala de jantar é a capela mortuária da sua igreja; outros que vivem sózinhos em terras descristianizadas e, depois de um dia inteiro e intenso de trabalho, vão passar parte da noite na igreja a desabafar com o Senhor ali presente.

Conscientemente, ninguém pode negar a acção social e espiritual que a Igreja tem vindo a exercer, sobretudo nos últimos tempos. Tantas igrejas (verdadeiros relicários de arte) restauradas; tantos templos levantados; tantas creches e sopas e cantinas e patronatos e casas de trabalho e escolas e centros de assistência paroquial ou social a funcionar, não falando já nas muitas centenas de famílias abrigadas nas Casas do Património.

E podemos afirmar que geralmente todos estes padres obreiros fazem as obras sem dinheiro. Daí a sua heroicidade. Construir com dinheiro é fácil e comum a todos. Mas edificar de mãos vazias, sujeito a mendigar de porta em porta o sim e o não, é só dos loucos por Cristo.

Conhecemos homens cujo nome enche os jornais e que têm feito obras só com dinheiro. Estamos certos de que o seu bolso pessoal pouco ou nada sofreu. Estas obras são fáceis de fazer. Os seus obreiros têm um mérito reduzido.

Ao lado deste bom grupo de padres cheios de zelo, há também outros vazios. São os de braços cruzados: uns por desleixo; outros por desânimo. Não há eira sem rabeiros; nem trigo sem joio.

Enquanto os primeiros são uma glória, os últimos são os espinhos para a Santa Igreja Católica a que pertencemos e por amor da Qual deixamos este testemunho.

Padre Horácio

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UM APELO:—Na hora a que escrevo ainda não sabemos qual a reacção ao nosso grito d'alarme. Mas nós temos fé. Nós acreditamos nessa força oculta que emerge no momento oportuno—a Generosidade.

São 10.000\$00 que a gente deve, amigo. 10.000\$00!

Não se admirem. Não se assustem. Não se escandalizem com a importância. Querem ver só quanto distribuímos, ordinariamente, de auxílios em dinheiro, por mês? À volta de 1.500\$. E o resto; leite para doentes, remédios, roupas, eu sei lá mais quê?! Quem anda na casa-sacra dos Pobres esquece contas. Esquece o que dá, como dá, a quem dá—é sacco roto. Daí, anda sempre vazio.

Como já disse, tem-nos valido o Sr. Padre Carlos. E ele ainda não pôs freio; nem põe, julgo eu. Agora, acho que gostaria que as contas não andassem tão desequilibradas. É natural.

Livra-nos destes apuros, amigo. Abre-te em generosidade. Não queiras que a gente vá aos Pobres de mãos vazias, ou quase. Como ir aos Pobres de mãos vazias?

Enche-nos do que te sobra. O que te sobra! Já não pedimos o heroísmo de dar o que te faz falta. Isso é privilégio de almas privilegiadas.

Note-se: aqui, infelizmente, nem temos subscritores. O que damos é quanto vem tocado por esta coluna. Mais nada, de mais ninguém! E como nos temos aguentado! E como havemos de agradecer a Deus?!

Ficamos à espera das tuas ordens. Não importa a quantidade. Se pouco, se muito. E... se nada, damos graças a Deus, também.

Júlio Mendes

BARREDO

— Continuação da página três —

o pão para os filhos? Se os vires à tua porta de saco na mão, descalços, esfarrapados, vai chamar os teus e chora com eles. Dá-lhes um caldo quente e um pouco do teu carinho. Contentam-se com tão pouco e esse pouco lhes é negado. Puxados por mão aflita, subimos ao último andar. Ele tuberculoso. Três filhos menores. E ela? «Quando há carros vou. Mas não chega a nada. Onde vou arranjar os oito escudos diários para a renda da casa? Tiro-os à boca e à dos meus filhos». Estas últimas palavras eram regadas com lágrimas. Oito escudos diários! Sim, a renda é o pesadelo dos pobres do Barredo. Quando será a hora do alívio? Quando?

Padre Manuel António

A G O R A Cont. da pag. 3

puдessem receber aquilo (bem pouco) a que têm direito. Mas não é assim. É preciso a papelada, as certidões, os atestados... um nunca acabar! O resultado é passarem seis meses, um ano, e... nada!

Eu não me proponho criticar a organização dos serviços das Companhias e do Estado, simplesmente há um facto que é primordial e que revela todos os outros: as viúvas e os órfãos precisam de comer todos os dias.

Se alguém me pode demonstrar que esta necessidade do comer não existe, que me exponha as suas razões sobre a organização desses serviços; se não, digo-lhe de cara que a sua teoria está errada desde o princípio!»